

Desafio Pessoal

2015

Luiz Carlos João Filho

Apresentação

“Desafio Pessoal” foi um trabalho feito no decorrer do meu segundo semestre como estudante de cinema na matéria Escrita Criativa, ministrada pelo professor Márcio Markendorf na Universidade Federal de Santa Catarina.

Em 2009 já sabia que queria fazer cinema, mas por preconceito meu e falta de coragem de assumir minhas próprias vontades. Sofri por mais de cinco anos lutando contra meus próprios medos para finalmente aceitar o desafio de largar minha antiga faculdade de Marketing para chegar até aqui.

Como escritor tenho grandes dificuldades, e no vestibular da UFSC no fim de 2014 tive a sorte e o conhecimento para conseguir marcar um total de 9,38 pontos de 15,0 possíveis na redação, o que foi suficiente para que eu conseguisse entrar no curso de cinema.

Então abracei a faculdade e todo o conhecimento que me foi passado em aula e fora dela para conseguir escrever esses textos.

Eles estão em ordem cronológica e os deixei assim para que a evolução pudesse ser observada no decorrer da leitura.

Ainda não estão da forma que gostaria que estivessem, mas com a ajuda das aulas e do professor consegui explorar um lado cômico que não conseguia colocar no papel antes das classes.

Espero que gostem.

Sumário

- Obra e Criador	01
- Saudade 93	03
- Formulário Vermelho	05
- Iphone	07
- Cela	09
- soapOpera	11
- Almotásim	13
- Um, dois, três... ..	15
- Dom	17

Obra e Criador

Brendan perdeu seus pais quando era muito jovem.

Na verdade era tão jovem que não tinha nem certeza se lembrava do rosto dos seus pais, ou se eram apenas projeções das fotografias que via.

Elinor, governanta da casa, foi quem o criou, era durona e rígida, mas tinha muito carinho e cuidado com o jovem patrão.

Ela acabou contratando um tutor, Senhor Fenóglío, um senhor muito avoado e divertido, era inteligente e ensinava o garoto dentro de casa.

Viam de tudo, desde ciências, matemática, história, geografia e inglês, mas a aula que o Senhor Fenóglío mais gostava de dar era sobre literatura. E não me assusta dizer que com todo aquele entusiasmo, Brendan também passou a adorar a matéria.

Passava dias trancafiado no quarto, lendo sobre aventuras, ficções e livros de terror. Elinor até brigava com ele pelo tempo que passava dentro de casa: “vai lá pra fora Brendan, sai desse quarto, o dia tá lindo”, ele ignorava.

Em uma das aulas o Senhor Fenóglío pediu para que Brendan criasse um personagem e o colocasse em uma redação.

Brendan gostou tanto da tarefa que acabou escrevendo um conto, um conto de dois amigos, Capricorn e Dustfinger, que saiam de um livro e começavam a reescrever sua história.

O tutor ficou tão impressionado com o que lia que começou a estimular esse lado criativo de Brendan e semanalmente pedia para que o aluno fizesse mais um conto, com os mesmos personagens.

Brendan tinha encontrado o que gostava, e mais do que isso havia encontrado dois novos amigos.

Passou a escrever contos com maior profundidade, e dar características mais complexas para seus personagens e os contos passaram a se tornar capítulos, e os capítulos livros e os livros séries.

Com dezoito anos, Brendan já tinha uma coleção de escrituras tão grande que nenhum escritor poderia colocar defeito, e todas elas sempre com Capricorn e Dustfinger.

Elinor já havia falecido e o Senhor Fenóglío se mudado, só o que havia sobrado para Brendan eram seus dois amigos de papel.

Um dia se sentindo muito só, Brendan iniciou um novo conto, mas dessa vez começou a escrever em primeira pessoa, um personagem que era ele mesmo, com nome de Brendan, e a mesma história de sua vida, mas viu que sua vida não havia sido tão boa e que não se conhecia tão bem quanto imaginava.

Seu personagem era raso e com pouca complexidade, e não tinha ninguém com quem pudesse conversar, então começou a falar com seus livros, e com a figura de seus dois melhores amigos e pediu: “Capricorn, Dustfinger, vocês podem sair? Por favor? Vocês podem sair?” e nada, “preciso de alguém que me conheça, alguém que saiba o que escrever sobre mim, alguém que possa fazer minha vida menos triste do que ela foi até agora”.

Um movimento se inicia, Brendan dá um passo para trás, as páginas começam a virar, os livros se abrem e iniciam a esvoaçar, papéis voando e duas imagens aparecendo, enquanto Brendan começa a entrar no papel em branco.

No fim Capricorn e Dustfinger estavam do lado de fora e Brendan na página em branco.

Os dois se olharam e começaram a escrever: “Brendan era um menino feliz, com os pais maravilhosos, uma babá cuidadosa, um professor maluco e dois amigos que o amavam muito... Brendan sorriu!”.

Luca João

Saudade de 93

Julian volta da escola e parece ansioso pela tarde que está por vir. Hoje é segunda-feira e toda segunda-feira é dia de cinema com sua mãe.

A TV ligada na cozinha não distrai o garoto que, na verdade, pouco entende o que Miguel Falabella tem a dizer de tão importante todo início de tarde.

O menino come tão rápido que a mãe ameaça: “se não mastigar direito vou dar o seu Kinder-Ovo para sua irmã que está comendo direitinho”.

Julian franze a testa e encara a irmã, Ana, que mostra a língua para ele.

O garoto pensa, “ela adoraria meu Kinder-Ovo...gorda”. Mas sabe que se dissesse algo do tipo aí sim que não ganharia nada. Então fechou a matraca e começou a mastigar devagar.

O pai, que há tempos não falava com a esposa resolveu abrir a boca: “você viu ontem no Domingo Legal quem o Gugu apresentou? Aqueles Mamonas Assassinas! Pelo amor de Deus, o que vai acontecer com nosso país? Você já ouviu aquelas letras? São absurdas!”.

A mãe estranha à atitude do marido e pensa “ele falando comigo? Achei que nunca mais abriria a boca sem o advogado!” e respondeu curta e grossa, “vi sim”, o marido abaixa a cabeça.

A parte trágica é que nenhum dos dois havia falado para as crianças o que estava acontecendo. O divórcio demora muitos meses para sair, e concordaram em viver sob o mesmo teto para aproveitar mais o tempo com os filhos antes que tudo fosse definido.

Bem isso não importa, o que importa é que Julian já terminou de comer, se arrumou e espera do lado do carro.

Sua irmã e ele brigam para ver quem iria sentar na frente do novo carro da família, o Fiat Uno prata, que havia sido o último motivo de discussão entre o casal na reunião de semana passada.

A mãe chega e já diz que ambos vão no banco de trás, os dois fazem cara de poucos amigos e entram no carro.

“Julian, não vai levar seu Power Ranger dessa vez?”

“Não, mamãe, a última vez lembra que quase esqueci e o papai ficou muito bravo, nem entendi o porque, mas melhor deixar ele em casa.”

“Nem vou te perguntar sobre sua Susie, Ana.”

Ana olha para a mãe e bufou: “você sabe que a Barbie é mais legal, não vou para o cinema com a Susie”.

A mãe olhou com lagrima no olhar e saudosismo para o marido, lembrando de quando não tinham quase nada, e achou melhor deixar essa passar.

Chegaram ao cinema. As crianças foram olhar os doces, enquanto a mãe comprava as entradas do filme.

“Rei Leão?”, a mãe pensou.

“Vou chorar menos do que com A Babá Quase Perfeita.”

Luca João

Formulário Vermelho

No mundo só há uma certeza absoluta para o homem: a sua morte.

E o que mais amedronta o homem é o desconhecido.

Teorias foram feitas, religiões foram criadas e crenças foram instigadas, propagandeadas e aceitas pelo mundo. Afinal, “é melhor acreditar em algo do que não acreditar em nada”, era o que dizia minha mãe.

Criacionismo versus evolucionismo foi a grande guerra dos homens por muito tempo.

A religião católica nos deu o início de tudo com Adão e Eva e determinava, via dogmas de Deus, o porquê de nossos atos em vida determinarem nosso caminho depois da morte, sendo eles o céu, o inferno ou o purgatório.

Já os cientistas conseguiram explicar o início de tudo, mas buscavam de toda forma explicar o final de nossas vidas.

Buscavam.

No dia 31 de março de 1999 um grupo de cientistas, capitaneado por uma empresa de tecnologia, chamada Traxim, provou cientificamente que nosso tempo e a nossa vida na terra, não passava de um “casulo”, e que na verdade todo ser, só inicia sua vida real depois da morte, sem distinções de raça, cor e comportamento.

Claro que tudo isso poderia ser simplesmente mais uma teoria, mais uma matéria de uma revista científica, ou até mesmo mais algum maníaco que dizia que o mundo iria acabar na virada do milênio.

O problema foi que ninguém conseguia refutar essa tese.

A empresa não queria dinheiro, ou mídia, a empresa queria que o mundo se libertasse daquela ilusão, e pretendia provar que nada na terra era real.

A descoberta foi lançada publicamente e desafios foram enviados para as melhores universidades do mundo, para que alunos, professores tentassem refutar a nova tese, foi a primeira vez que tive contato com a fórmula que provava a anti-vida.

A Traxim enviava dois formulários, um azul e um vermelho, o azul era enviado quando a resposta não conseguia refutar a tese enquanto o vermelho seria enviado se alguém conseguisse refutá-la.

Porém nenhum formulário vermelho foi enviado.

Atentados passaram a ser feitos contra a empresa e aos seus descobridores.

Casos de suicídios isolados começaram a acontecer ao redor do mundo.

Porém, a incerteza era grande, e mesmo que a empresa não tivesse estimulado o ato até então, passou a não fazer sentido eles divulgarem tais resultados e continuarem vivendo.

Então, em abril de 2002, os descobridores da tese e a maioria dos funcionários da empresa se mudaram para Holanda, que naquele momento havia legalizado o suicídio, e divulgaram que dia 07 de maio de 2003 iriam terminar com aquele “casulo”.

Um novo grupo extremista em oposição a Traxim começou a ganhar força, se denominavam SS e fizeram de tudo para se infiltrar e não permitir tal ato, porém não obtiveram sucesso.

Todos da companhia que haviam se mudado para Holanda cumpriram com suas palavras.

Não havia mais cientistas, não havia mais como negar que essas pessoas acreditavam no que elas haviam descoberto, e talvez aquilo tudo que nós vivíamos até então não era o que importava.

No dia 27 de outubro de 2003 mais da metade do mundo havia se suicidado.

Não existiam mais regras, a camada mais pobre do mundo não teve dúvidas e saiu dessa existência, não tinham mais que tolerar toda essa desigualdade, seriam iguais de acordo com a tese anti-vida.

Apesar de ser um estudioso, não conseguia deixar de acreditar em Deus, como minha mãe dizia: “melhor acreditar em algo do que em nada”; e eu não acreditava que minha vida não valia nada.

Passei anos da minha vida estudando e questionando minha existência, mais do que gostaria de assumir, todos que eu conhecia se foram e o mundo como conhecemos a longo não existe, mas finalmente consegui preencher aquele velho formulário vermelho.

Luca João

Iphone

John ia para o local combinado quando percebeu que estava sem o celular.

Deu seta no seu carro e tomou o primeiro retorno que encontrou, ouviu um barulho na parte de trás, ignorou.

Não podia ficar sem celular, esperava uma ligação importante e ainda acabara de comprar esse Iphone, era única coisa que podia se gabar nos últimos anos.

Tomou todo o caminho de volta para o centro da cidade.

Acelerou o carro, passou a lombada e o veículo pulou com tudo que estava dentro do carro, desde o porta-malas até o porta-luvas, John olhou para trás aflito: “acho que esta tudo bem?!” e voltou a pisar no acelerador.

Achava que não voltaria a ver o prédio do seu antigo trabalho depois de hoje, mas sabia que seu celular estaria ali.

Parou o carro em frente o prédio “Proibido Estacionar! Não pra aquele gordo pão-duro e aquela filha escrota dele, não é?”.

Já passa das 22:00 John não tinha tempo de procurar um estacionamento, deixou o carro ali mesmo e entrou no prédio, subiu as escadas correndo e entrou na empresa pela nova porta de vidro instalada.

As luzes estavam apagadas, estranho, tinha certeza que alguém ainda estaria por ali, “acho que eu era o único idiota que fazia hora extra!”.

Se apressou, buscou o celular em sua mesa mas não o achou, procurou no chão, tateou as gavetas e revirou a papelada mas não encontrou.

“Como pode, tenho certeza que deixei aqui.”

Foi ao banheiro e na sala do chefe, foram os únicos lugares que havia estado hoje.

Já era quase 23:00 a entrega era as 00:00.

Não podia arriscar perder essa oportunidade.

“Que se foda, vou sem celular, tenho certeza que ele não vai dar pra trás.”

Antes de sair parou, olhou para trás e sorriu pensando “hoje acaba!”

“NÃO!”

A placa do guincho dizendo “Retire o carro na delegacia”.

“Que bando de filhas da puta, todo dia os malditos carros param nessa vaga!”;
“Nenhuma vez um deles foi guinchado!”.

Não tinha tempo para reclamar, a delegacia era a poucos quarteirões dali, se corresse chegaria a tempo de pegar o carro antes de entrar no pátio, fazer a entrega e sair dessa vida dura que John levava.

Correu e quando virou à esquina toda a esquadra policial o aguardava com armas em punho.

Seu carro estava ali, a filha do chefe já estava do lado de fora do porta-malas e seu chefe segurava o Iphone de John enquanto gritava:

“Eu sabia que você voltaria por essa merda de celular!”

Luca João

Cela

Sabe quando temos aquele sentimento conhecido, aquele sentido das coisas que não são boas para nós, mas mesmo assim nos sentimos à vontade perto delas? Como um mal que você já enfrentou tantas vezes que não parece mais tão mal assim? Esse era o sentimento que tinha no meu sétimo mês com aquele Cela.

Não gostava dela, na verdade a odiava, mas ela já havia entrado em mim, não tinha o que fazer. Afinal, algo que testemunha tudo de pior que você passou na vida acaba virando seu companheiro.

E quando digo companheiro não quero dizer amigo porque amigo interveem por você. A Cela só fica ali, te encara, assiste ao teu choro, te espera, vê tua masturbação e, claro, assiste a teus atentados contra própria vida.

Então, é claro, estar dentro com ela não era fácil, era a prova da minha vergonha, ao mesmo tempo era a prova do meu sofrimento, e da minha superação.

E, naquele dia, como havia dito, completava o sétimo mês que estava ali, ma naquela mesma tarde sairia dali, meu “livramento” havia chegado, e aquele era meu dia premiado.

Queria dizer que saí sem olhar para trás, como se aquilo um dia pudesse ser esquecido, mas na verdade virei para a minha Cela e olhei bem no fundo dela e acenei com a cabeça, reafirmando a promessa que havia feito na noite anterior: “Você me fodeu por sete meses, amanhã eu saio, mas daqui uns dias eu vou te mandar quem me mandou pra cá, e você vai foder com ele da mesma forma que fodeu comigo, prometo que em poucos dias te dou um novo companheiro!”.

Virei o rosto e saí daquela merda de lugar.

Fui direto para casa. Não tinha família e a única pessoa que conhecia naquele fim de mundo era ele, aquele filho da puta que tinha me mandado para Cela.

Minha casa era grande, estava empoeirada e com algumas baratas mortas, mas nada que dois dias de limpeza não fossem o suficiente.

Depois pedi para que religassem a internet.

Comprei tudo o que precisava e contratei os serviços de duas imagens na deepweb: o de um sequestrador e os que foram comprados para mim por ele sete meses atrás.

O primeiro era o mais barato, R\$2.500,00 pelo serviço para tirá-lo de casa e leva-lo até a Cela.

A Cela que era o mais caro, R\$20.000,00.

Teria que vender meu carro e depositar todo o dinheiro da poupança para cobrir o serviço por quatorze meses.

Mas valia a pena, aquele porco merecia cada centavo.

Efetuei os dois depósitos e depois de três dias voltei à Cela para confirmar se ele estava lá;

“Cela?” – gritei.

Marcela apareceu na varanda, assentiu com a cabeça para que eu entrasse, dei dois passos e pela fresta da porta, a cena de Pulp Fiction e Marsellus Wallace sendo estuprado me vieram à mente, sabia que o trabalho havia começado.

“O depósito foi para quatorze meses, vou voltar aqui para ver se você não está de putaria!”

“Relaxa amor, eu falhei com você algum dia nos anos anteriores?” - respondeu o travesti.

Sabia que ela não ia falhar, a Cela não falha nunca.

Luca João

soapOpera

Julião acabara de subir a braguilha da calça e já ajeitava o sobretudo, enquanto olhava para cima com o pensamento na lua depois do êxtase atingido há poucos segundos atrás.

Filomena, de boca cheia, limpava o respingo que não conseguiu segurar entre os beijos por receber um presente sem aviso prévio. Fez o melhor que pode, mas teria que limpar o chalé verde quando voltasse para casa.

- Filó, acelera aí. Logo Jesebel vai notar que essa reunião de trabalho se prolongou demais.

Filomena levanta os olhos e encara Julião com vontade de dar um beijo em seu “amado”.

- Hum!

Era só o que podia dizer.

Quando olha para frente, Julião se dá por conta que não estavam sozinhos e que uma mulher estava ali, nos camarotes.

O homem estremece, e empurra a cabeça de Filomena para baixo até que ela saia de vista da moça, que estava com a programação da ópera bem em frente ao rosto.

Filó leva um susto e engole seco.

A mulher se assusta com o barulho e baixa o folhetim.

Surpresa. Rostos assustados, avermelhados e cheios de desconfiança.

- Julião?!

- Jesebel?!

- O que faz aqui, mulher?

Filomena, que havia quase engasgado há pouco, agora não conseguia segurar o riso silencioso.

- Como assim, o que faço aqui, Julião? Você não estava em uma reunião?

Jesebel, mesmo corada, espera com firmeza e, sentada na cadeira, refaz a pergunta para o marido, que se enrola e responde:

- A reunião acabou mais cedo, Jesebel, e decidi passar na ópera mulher. Qual o problema?

- Nenhum, eu suponho, ou há um problema?

- Claro que não. Aliás há um problema sim, o que você faz na ópera? E ainda no camarote e desacompanhada? Acha que estou com a vida ganha, mulher?

Jesebel mexe a boca, o que faz com que uma pequena cova entre as bochechas abra.

- Desculpe, amor, não queria gastar dinheiro à toa e tão pouco vir aqui sem a sua companhia, mas você tem demorado a voltar para casa e acabo me entediando. Peguei a Carmela e viemos ambas, mas ela não se sentiu bem e teve que sair há pouco e eu não quis perder o final do espetáculo.

Filomena dessa vez não aguentou e soltou um riso entre os dentes.

Julião disfarça com um pigarro e diz:

- Então é melhor irmos indo, não?

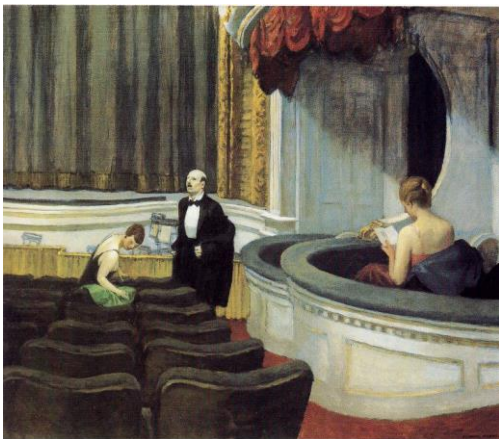
Filomena olha com os mesmos olhos que o havia encarado há pouco, mas desta vez o beijo seria pouco, um chute nas bolas era o que estava merecendo.

Jesebel se ajeita e, quando levanta, quase tomba para frente. Julião se precipita para ajudá-la, mas a mulher, como um gato, se virou e ficou de pé em um segundo:

- Não se preocupe, amor, me encontre lá embaixo.

Ambos saem.

Filomena aguarda um minuto para levantar a cabeça e quando a levanta se depara com outra cabeça, lá no camarote. Nem de Julião nem de Jesebel, de Felipe que a vê de lá de cima, ambos se olham e sorriem.



Edward Hooper, Two on the Aisle (1927)

Almotásim

Jorge não sabia o que escrever.

Não era a primeira vez que as ideias lhe faltavam.

Sempre que o prazo de entrega se aproximava a mente esbranquiçava, a inspiração esvoaçava e os únicos suspiros de ideia que apareciam naqueles momentos eram sobre metalinguagem.

É tão tentador não é?

Escrever sobre escrever sobre algo que você está escrevendo, e foi isso que Jorge fez, pelo menos foi isso que entendi.

Iniciou um conto, no qual Luís encontrava com Borges e dizia da grande dificuldade que tinha em iniciar contos.

Na verdade Borges encontrou Carlos que decidiu parar de escrever pelos bloqueios que tinha todas as vezes que pensava em iniciar um conto.

Na realidade, nenhum deles era muito bom escrevendo.

Então todos eles decidiram parar de perder tempo pensando em como iniciar um conto e simplesmente foram para um bar.

Jorge também sentia que, assim como Luís, Borges e Carlos, seu conto não estava evoluindo, e decidiu encontrá-los no bar.

Bar de Carlos Luiz, que recebeu os quatro em uma grande reunião de contos, ou melhor, de não contos, já que ninguém conseguia iniciar nada.

O bar chamava Acercamiento, e o conto que não saía do título, Almotásim, que aliás não tinham nada a ver com o conto de Jorge Luís Borges.

Discutiram sobre a dificuldade de iniciar um conto e quão estagnados estavam.

Enquanto isso, Carlos Luiz oferecia um novo vinho da casa, vindo da Vinacoteca de Don Jorge, um novo sabor argentino.

Depois de três ou quatro garrafas Jorge, Luís e Borges concordavam em quanto o Acercamiento dava uma sobrevida ao Almotásim, que estava parado no tempo.

Escrever algo como se já houvesse sido escrito por outra pessoa, talvez fosse a melhor forma de escrever algo que nunca havia sido escrito.

Carlos se embebedou demais e caiu no banheiro. Ficou lá por um tempo.

Tempo! Tempo era o que Jorge não tinha.

Ele se despediu de Luís e de Borges, mandando um abraço para Carlos Luiz, no balcão, e um beijo para Carlos, que dormia no banheiro.

No caminho de casa me ligou para contar como havia sido a noite e como havia sido ou encontro entre Jorge, Luís e Borges e como se lembraram de Jorge Luís Borges e que Carlos e Carlos Luiz também haviam estado por ali.

Tinha que entregar o conto no dia seguinte, e seguiu dizendo que nem havia começado, mas que finalmente havia pensado no início.

“Jorge não sabia o que escrever.”

Luca João

Um, dois, três...

John chega afobado a seu destino.

Está suado, sujo e com alguns arranhões, parece nem ligar mais para arma apontada em suas costas, a única coisa que lhe importa é falar com Samara.

- Samaaaaaara! – grita John – Eu cheguei a tempo, mas você não está me atendendo!

- Cala a boca, imbecil! Quer morrer? – John leva uma bala no calcanhar.

– John grita e olha para o homem a seu lado – Por favor, vá chamá-la, avise que eu cheguei no horário. – O sangue escorre enquanto pelo pé de John enquanto seus olhos lacrimejam, mas não para de falar. - Pode me amarrar, eu não ligo.

O homem não se incomodou com a situação, pisou na ferida de John e gritou.

- A Samara já vem quando eu mandar.

A porta abre repentinamente.

O homem se assusta.

- Samara?

- Então eu só apareço quando você mandar?

- Só queria assustar ele...

- Cala a boca, você é minha puta, você faz o que eu mando e não pelas minhas coisas- Samara dispara no calcanhar do homem que grita, agora ao lado de John que aguenta firme de joelhos.

- Então John me desculpe por isso.

Johns balbucia e Samara o interrompe. – Já sei, já sei, quer ver seu filho, ele está aqui.

A fresta da porta abre e o filho de John está ali amarrado, com curativos nos dedos e na orelha. Parecia cansado e desidratado.

- Paaaai!

John se desespera e grita.

- Raaaa! O que vocês fizeram com o meu filho?

John se debate e ameaça ir para cima de Samara. O outro capanga aponta a arma para o pai e Samara, que até então perplexamente não havia alterado o tom da sua voz, mexe o dedo com o sinal negativo.

- Você quer mesmo fazer esse jogo, John? Você sabe muito bem que essa orelha e esse dedo estão na sua consciência. Você não fez o que foi pedido da forma que foi pedido.

John se exalta.

- Se vocês colocarem um só dedo no meu filho de novo...

- Você vai fazer o que? – Samara fala mansamente – Você sabe do que somos capazes, e por um momento gostaria de não ter mais que fazer esse joguinho chato.

John se acalma, Rafa lacrimeja em silêncio.

- Muito bem, John. Se tudo estiver de acordo você vai sair com seu filho daqui cinco minutos e vai poder leva-lo ao hospital. – Samara caminha pela sala e pergunta – Onde está o que lhe pedimos?

- Estou quase conseguindo, Samara, quase conseguindo, me dê mais algumas horas que eu o trago aqui.

Samara se irrita e grita.

- Você vem aqui sem nada, e me pede mais tempo, mais tempo. – Samara olha pra baixo, e diz – vou contar até três, se o que nós combinamos não entrar por aquela porta uma bala vai entrar em uma cabeça. - John se desespera, enquanto o homem balbucia de dor no chão.

- Um...

- Por favor, não faça nada com meu filho, eu trago aqui, eu juro que trago.

- Dois...

- Não Samara, por favor, eu consigo...

- Três!

Samara levanta a cabeça, sorri e levanta a arma.

Luca João

Dom

Don estava sozinho na sala quando ouviu a campainha.

- Amor? Pode atender?

Ninguém respondeu.

- Amor? Amor?

De novo o silêncio tomou conta do ambiente e só foi quebrado com o novo soar da campainha.

Desta vez o soar foi mais longo, como se a pessoa que tivesse pressionando o botão estivesse impaciente.

Don levantou e foi até a porta.

- Já vai!

Quando abriu, não entendeu o que havia passado. Não havia ninguém ali, somente um corredor com diversas portas iguais a de Don.

Don estranhou o ocorrido, fechou a porta e voltou à sala.

- Não era ninguém, amor, devem ter sido as crianças de novo.

A mulher não respondeu e Don se sentou.

Estava pálido, se sentia engraçado, mas nada que não houvesse sentido antes. Na verdade tinha aquela sensação há mais de um ano.

Novamente a campainha soou.

Don esticou a cabeça e gritou.

- Dessa vez vai você, amor, estou cansado desses pestes.

Sem resposta.

- Por favor, amor.

A campainha toca de novo.

Don resmungava enquanto se levanta.

- Não tem coragem nem de me responder, mulher do inferno.

Porta aberta e nada além do corredor. Don olha para um lado para o outro e volta para sala.

- Esquisito.

Fala consigo mesmo.

- Acho que não são crianças, amor, melhor ficarmos atentos.

Don voltou para sala e já ficou de prontidão.

Quando a campainha tocou, Don gritou para esposa.

- Pode deixar.

Em um pulo, abriu a porta e nada.

Don estranha, fecha a porta rapidamente, como se estivesse evitando a entrada de algo que não se podia ver somente sentir.

De repente Don sentiu algo penetrando em seu braço e tomando conta do seu ser.

Don gritou, se esquivou e se jogou no chão como se estivesse sob algum tipo de ataque.

Viu a cruz pendurada na parede e se apegou a ela começando a rezar, quando se lembrou da mulher.

- Amor! Amor! Fica aí, fica aí.

Gritou alto e ninguém responde.

- Amor! Amor!

A dor na voz de Don é nítida e o grito cada vez mais estridente, o “ser” inanimado, não visto, que tomou conta de Don segue fazendo efeito e vai amolecendo o corpo do possuído, que para de se debater e cai desacordado no chão.

Alguém abriu a porta.

Don foi suspenso do chão para uma cama.

Balbuícia as palavras:

- Cadê a minha mulher, cadê a minha mulher? Eles vão pegá-la!

- Parece que ele caiu de novo.

Um homem de branco apareceu e disse algo para o sujeito que havia aberto a porta:

- Ele acordou?

- Não, Dr., só caiu quando injetamos o soro.

- Hoje fez um ano que ele chegou... – e sussurrou no ouvido do enfermeiro -...lembra? o do acidente que a mulher não resistiu?

Don abre os olhos.

Luca João